CDU. 869.0(81) Lobato 7.07

UM MAUPASSANT BRASILEIRO

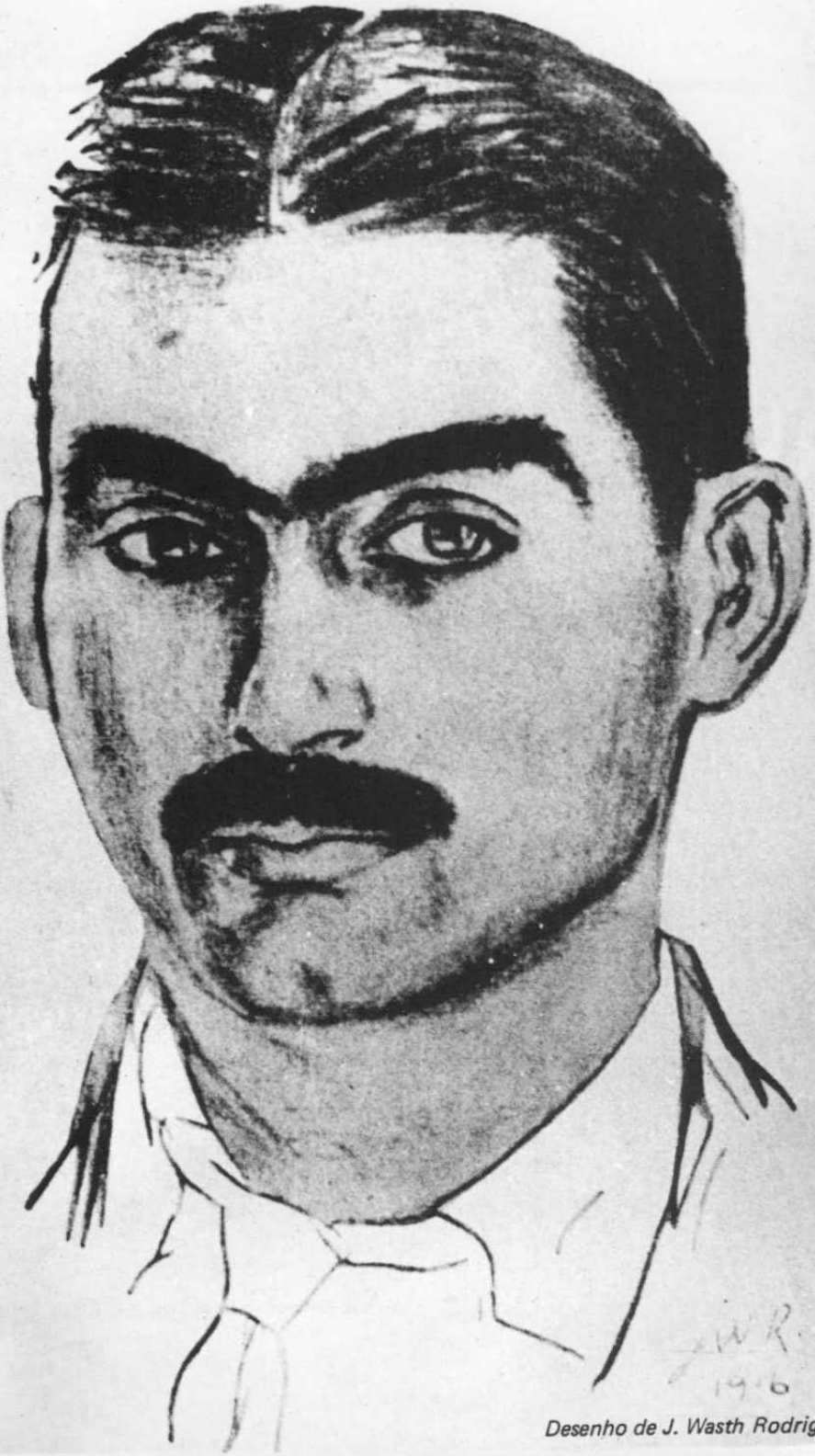
Agrippino Grieco

Do livro do autor *Evolução da Prosa Brasileira*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947, p. 139-141.

No caso do sr. Monteiro Lobato verificou-se ainda uma vez nada existir de mais incômodo nas letras que começar com um sucesso estrepitoso. Malgrado todos os seus livros posteriores, o sr. Lobato ficou sendo apenas o autor dos *Urupês* e parecem lançar-lhe sempre em rosto o êxito inicial, em que o pico do escândalo acentuava o valor literário da produção. Jeca Tatu, caricatura admirável, fixou-se no repertório dos nossos tipos grotescos, e, justo ou injusto (tanto pode o talento), converteu-se em criatura simbólica. Fosse embora visível o ritmo deformador, aí, para muitos, estava a ve adeira fisionomia do nosso homem rústico, emergindo da verdadeira atmosfera provinciana. E o fato é que o ironista, tantos e tão característicos eram os seus dons vivificadores, fazia com que se lhe perdoassem facilmente os erros de sociólogo. A inverdade histórica dilui-se na bonomia sarcástica do prosador, no seu amor perverso à terra natal, na doçura, se se pode dizer assim, ácida das suas melhores páginas. Sentia-se que efetivamente havia, diante do leitor, um ficcionista robusto e novo, e era difícil deixar de aplaudir. Aplaudia-se, em particular, o bom humor com que ele, em presença das figuras burlescas, as suas prediletas, armava o seu cavalete de pintor de homens e captava os tipos da região, movimentando-os bem e dando-lhes frases e gestos típicos, desses que definem caracteres. Um senso muito agudo e muito ativo do pitoresco, felizes notações de ambientes e atitudes. Mas certas sutilezas suas, certas argúcias psicológicas, não estavam ao alcance do leitor comum, que só se deixava atrair pelo retrato caricatural do Jeca e esquecia a harmoniosa

finura com que eram entonados os detalhes aparentemente secundários. Assim ou assado, o sr. Lobato criara um tipo e — pronto ! — estava célebre. Criara um tipo que, aliás, muitos citam sem saber que é dele; falara à economia de memória do povo, que não decora uma página, uma frase, mas decora o nome de uma personagem, especialmente quando humorística, e era bastante. Nós, porém, não estamos aqui para reincidir na poupança de crítica desses maus leitores, e forçoso nos é recordar que, nos *Urupês,* onde às vezes se mesclam camilianismo e caipirismo, há outras coisas além daquela "charge", que tanto impressiona pela vivacidade das tintas e pelo carregado dos contornos, e também pelas *suas tendências panfletárias, tão ao sabor de um povo que, como o nosso, nasceu oposicionista, nasceu para o ataque a tudo e todos, e rejubila até com a sátira que lhe fazem, só porque sátira.* Há trechos de muito mais veracidade e vitalidade humana e com outra seiva de ternura regional.

Assim o episódio dos faroleiros, de uma dramaticidade que contagia o leitor; a tragicomédia do chalaceiro que até depois de morto faz rir, verdadeiro farsista da morte; a simpática pieguice da solteirona que quer ser amortalhada numa colcha de retalhos, piedosa relíquia de um noivado desfeito; a sugestiva alegoria das criaturas mais nefastas que mata-paus, e o terrível caso do Bocatorta, digno de um Maupassant que, em vez de fazer falar os campônios normandos, fizesse falar os caipiras de São Paulo e desse a um deles a capacidade de pincelar em traços rudes e incisivos a figura quasimodesca do herói da narração. . .



Desenho de J. Wasth Rodrigues, 1916